



Director literario:

*Augusto de Santa-Rita*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
PAPUSSE

## NÃO TINHA VALIDO MAIS?!...

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

**C**ERTO menino  
ladino,  
rabino,  
chamado Mário,  
era um rapazito fino  
mas que dir-se-ia ordinário.

Dizia  
palavras feias;  
— um verdadeiro gaiato! —

Trazia,  
numa indecência,  
sempre caídas as meias...  
cheio de nódoas o fato!  
Ou então saía  
à rua  
de perna nua  
e descalço;  
mentia,  
jurava falso!

Às vezes fumava já  
cigarros que êle roubava,  
de quando em quando, ao papá;  
e quâsi todos os dias  
à sua escola faltava  
para fazer tropelias.

Dos pòbrezinhos troçava,  
nunca respeitava  
os velhos  
nem atendia  
os conselhos



de ninguém.  
E tantos desgostos deu  
à pòbrezinha da mãe  
que a pòbrezinha morreu

Mas ai, um dia,  
porêm,  
bastante se arrependeu!

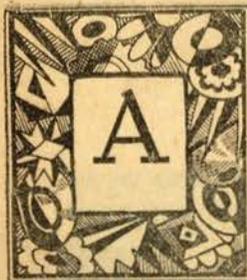
*Continúa na última página.*



## A MORTE DE JOÃOZITO

Ao meu grande amigo:—o poeta Augusto de Santa-Rita

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



NOITECEU. Chôve torrencialmente.

Na estrada velha caminham chapinhando no lamaçal barrento, Luiz e João, dois irmãos pequenitos. De mão dada, assim vão andando: João chora, tem frio e medo dos trovões que rementam ao longe. Os relâmpagos sucedem-se, apavorando os dois pequenitos que tinham ido à vila, aviar na botica, a receita do remédio que seria a única

salvação da mãe, (no dizer do médico).

Luiz chora por ver chorar Joãozito e, apesar de ser o mais velho e ter coragem, não sabe o que fazer. De súbito tem uma idéa. Despe o casaquito, veste-o ao irmão.

— «E tu vais assim ao frio, Luiz?»

— «Não sinto frio; vamos, coragem; a nossa casa é já perto!»

O filho da tia Anastácia, tinha ido ao moinho levar ao moleiro o milho para moer, e os outros habitantes do Casal da Morgadinha, tinham ido ver o arraial da Senhora da Saúde; por lá tinham ficado a fim de assistirem, à meia noite, ao fogo de vista.

Por tal motivo a Angélica, a tia dos pequenitos, afligiuse; não tinha quem mandar à vila aviar a receita!

Foi, então, que o Luiz se ofereceu para lá ir. Levou o irmão mais novo na sua companhia, o qual, assim, ajudaria também a salvar a mãezinha.

O boticário levou muito tempo a aviar a receita. Anoiteceu no caminho. E que noite, meu Deus!

— «Luiz, não posso mais; tenho muito frio, e doi-me muito a cabeça, vamos ali para debaixo dos pinheiros»

— «Sim, um momento, a ver se a chuva pára!»

Quando, às Ave-Marias, o pai chegou a casa, não os vendo vir, como de costume, ao seu encontro à cancela do pátio, perguntou por eles à irmã.

— «Fôram à vila aviar a receita. Não havia no casal, ninguém disponível. Foi toda a gente à festa da Senhora da Saúde.»

— «Porque não pediste ao filho da tia Anastácia?»

— «Esse foi ao moinho levar, ao moleiro, o milho para moer.

O Luiz teimou, deixei-o ir, e sem eu dar por isso, levou o Joãozito consigo.

— «E minha mulher?»

— «Não está melhor. O médico disse que o que receitou, era a única salvação. O Luiz garantiu-me que, para salvar a mãezinha, iria depressa.»

— Deus queira que não lhes acontecesse mal! A noite está escuríssima, a trovoadá aproxima-se, e tem chovido tanto!

O pai dos pequenitos foi, então, a correr à casa da lenha; acendeu a lanterna de mão, e lá seguiu ao encontro dos filhos.

Próximo, ao virar o olival da tia Anastácia, pareceu-lhe ouvir gemidos, lamentações...

— «Luiz, Luiz!» gritou o pobre cavador.

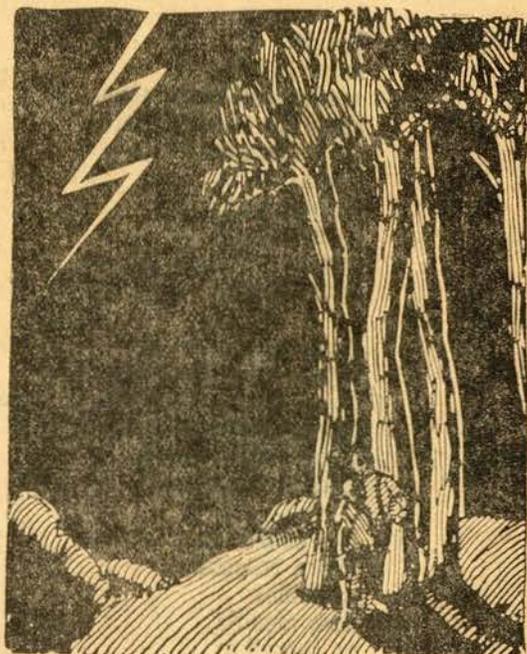
— «Estou aqui, meu pai; respondeu o Luiz, a soluçar, chegando à beira da estrada.

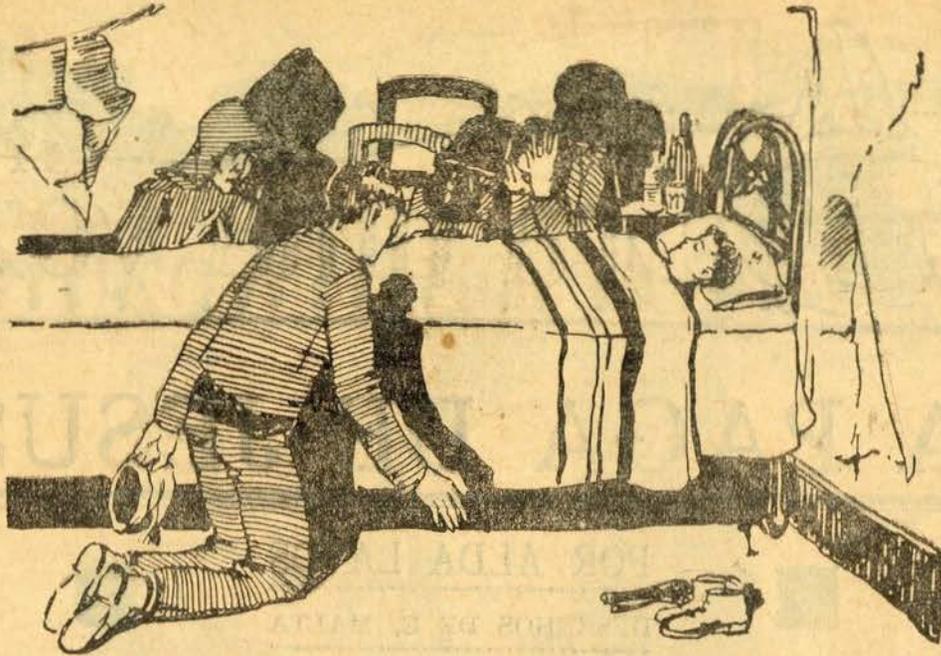
— «O João está ali debaixo dos pinheiros, tremendo com frio, e diz que lhe doi muito a cabeça.»

O pobre pai pegou no filhito ao colo, e o Luiz veio à sua frente a correr, trazer o frasco de rôlha esmerilada, que continha o remédio para salvar a mãezinha.

A tia Angélica deu logo uma colher do remédio a tomar à doente, que a aliviou um pouco.

Quando o pai chegou com o Joãozito ao colo, a Angélica gritou-lhe muito contente:





— «Tua mulher está salva, o remédio foi dum efeito repentino!»

— Bem, bem, louvado seja Deus!

Enche uma botija com água quente, para aquecer a cama d'êste pequeno, que vem regelado.

A irmã assim lêz. Depois foi molhar as sôpas ao irmão e, logo em seguida, levar uma málguinha com caldo bem quente ao pobre Joãosito.

Luiz que tinha frio, também se deitou. O caldinho do irmão, tomou-o êle, pois Joãosito dormia e sua tia não o quiz acordar. Era o sôno da morte.

A tia não tinha dado por isso!

“ \* \* ”

Já não chovia. A trovoadá que chegou a pairar sôbre o Casal da Morgadinha, tinha-se espalhado para bem longe.

A lua apareceu, então, muito brilhante, e já se ouviam os morteiros, princípio da queima do fogo de vista no arraial da Senhora da Saúde. O mordomo tinha resolvido queimar o fogo mais cedo, por causa da chuva que viera inesperadamente. Só os morteiros estoiraram porque tinham estado guardados na sacristia da Capela de Nossa Senhora. As rodinhas de fogo preso não arderam. Estavam encharcadas e o arraial acabou com meia dúzia de morteiros.

Quando o filho da tia Anastácia voltou do moinho, foi logo saber das melhoras da mulher do seu amigo, mas veio deparar com esta scena dolorosa:—Joãosito tinha morrido! À beira do seu leito mortuário, pôs-se então a rezar chorando sentidamente a morte daquele inocentinho, num choro muito baixinho, a sufocar-se, para a mãe lá dentro não ouvir, porque estava ainda muito mal e porque a dôr, a aflicção que sentiria ao saber da morte do seu adorado filho, podia ser-lhe fatal.

## BIBLIOTECA «PIM-PAM-PUM!»

ENCONTRAM-SE Á VENDA O VII E VIII VOLUMES DESTA INTERESSANTÍSSIMA BIBLIOTECA, INTITULADOS

# OS MEUS CONTOS

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES

# Bébés de Bibe e Babette

POR GRACIETTE BRANCO

BREVEMENTE

# OS PALHAÇOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

PEDIDOS A NOSSA ADMINISTRAÇÃO



# A PAGA DE JESUS

POR ALDA LAVOS

DESENHOS DE E. MALTA



**I**STO que vos vou contar, passou-se há muitos anos já, longe, do nosso lindo Portugal, no país bendito em que nasceu Jesus.

Junto a uma fonte antiga ensombrada por um lindíssimo chorrão secular, companheiro desde remotas éras, duas crianças brincavam: Raquel e Maria.

De porte airôso e lindo, tipos perfeitos da sua raça, entretinham-se brincando alegre-

mente, com a água que corria com um murmúrio cantante, pela bica de pedra poida.

Era numa escaldante tarde de verão, em que nos parece que terra, céu, mar, tudo crepita, tudo arde, como num vulcão colossal.

Com seu rebanho vagarôso, um pastor moreno, qual tisanado árabe, dirigia para a aldeia seus passos e, ao longe, dourando de púrpura os picos azulados da montanha o sol, incendiado disco de ouro, afogava-se no mar...

Uma paz doce como a voz dum órgão, em nave rendilhada de catedral, evolava-se da terra, tornando duma poesia estranha, êsse enfeitado morrer do dia...

— Olha, Raquel, disse a mais pequenina à sua companheira: — amanhã, que é domingo, queres vir brincar para aqui?

— Eu trago a minha boneca que tem agora um lindo vestido de musselina com rosinhas e, sentadas à sombrinha, tu verás como se está bem!

Pede à tua mãe, sim?

— Eu vinha... mas terei de ir com meu pai passear e bem sabes que, sendo êle cego como é, sou eu que o acompanho indicando-lhe o melhor caminho, para que não tropece, para que não caia.

Sou eu, a luz dos seus apagados olhos; pela minha mão caminha confiadamente, como se fôsem os seus, os olhos que, com amor, lhe mostram o caminho.

Bem vêes... que me é impossível vir brincar, Maria!

E ao dizer isto, aquela criança de coração de ouro, aquele formoso anjo pequenino, tinha estampada no rosto uraa tristeza infinita.

Sem mais palavras, dirigiram-se a buscar as ânforas enchendo-as na água límpida e murmurante que da bica jorrava, quando junto delas chegou um trôpego mendigo:

Vêlhinho, muito vêlhinho, o corpo chagado, a roupa em farrapos, um ar de sofrimento infinito a transparecer no seu dolorido rosto; não caminhava; arrastava-se; cada passada arrancava-lhe um ai, dêstes ais onde há um mundo de sofri-

mento ilimitado, o reflexo duma vida durante a qual muito se chorou.

Ao encararem aquele pobre farrapo humano, as duas crianças tiveram um movimento de assustada surpresa, logo mudado em outro duma imensa compaixão.

E a boa Raquel, coração de immaculado anjo, alma santa entre as mais santas, ao vê-lo assim tão velho, tão doente, tão cansado e pôbrezinho, nem reparou sequer nas suas feridas, no seu ar ao mesmo tempo desgraçado e repelente, não!

Pousou a ânfora e, dirigindo-se a êle, diz: — quere que o ajude a caminhar irmãozinho?!... já é tão tarde e está tão fatigado que por certo não chega à aldeia senão tardíssimo.

— Daqui lá, ainda é tão longe!...

Encarou-a o mendigo e, com uma voz lenta, onde havia uma doçura imensa em cada vibração, uma voz linda que asencanto u, diz:





— Obrigado, minha menina.

O que eu te agradecia, era que me desses a beber pela tua ânfora, pois me não posso curvar até à fonte, beber, matar a sede que há horas me devora sem que, pelo áspero caminho que trilhei, lágrima de água, canto de fonte murmurante, meus pobres olhos exergado houvessem!

— Numa fornalha em brasa todo este longo caminho; nem viva alma pelo deserto imenso destas areias...

— Só junto da montanha, num sicómoro queimadinho pelo sol, uma rôla gemia triste, talvez pedindo a Deus a esmola bemdita duma gôta de água...

— Vês tu, filha, como trago os pés cheios de sangue e de feridas que me fizeram as pedras dos caminhos: cada passada produz-me uma dôr tão grande que, por vezes, as lágrimas me veem aos olhos; e olha que é raro ver-se um velho chorar.

Depois de beber a longos haustos pela mão de Raquel, torna o mendigo:

— Bemdita sejas tu, linda criança, que tens no peito um coração de pomba, que tens uma alminha de santa, uma alma mais pura de que os lírios brancos, com que se enfeitam os altares do Senhor... bemdita sejas tu... bemdita...

— Vai para casa meu anjo e lá encontrarás a paga da tua bondade, aquela paga que o teu coração merece e que Deus não deixa de ofertar a quem, como tu, é bom e santo sem que o saiba.

Então, o rôto mendigo, o repelente chagado, tão velho, tão triste, tão feio... transformou-se, como por encanto, numa visão surpreendente de beleza: túnica azul... cabelos anelados... olhos muito meigos:—era Jesus Cristo!

No outro dia de manhã, uma multidão de velhos, moços e criancinhas, escutava embevecida, a «fala» do tio Joaquim, ontem ainda sentado à porta, com os seus olhos muito abertos, sem brilho e sem luz e hoje já, por mercê de Deus, a ver nitidamente como outrora.

E inquiria uma linda rapariga, que de longe viera para ver o novo milagre:

— Mas... como foi isso, tio Joaquim?!...

— Eu... nem sei bem!...

Estava sentado à porta esperando que a minha Raquel tornasse da fonte, quando uma voz muito doce...—melodia de harpa tocando uma balada,—me disse, ciciando ao meu ouvido: «a paga de Jesus à imensa bondade da tua filha, será findar a noite funda em que a tua vida estava mergulhada»... nisto, menina, os meus pobres olhos para os quais tudo era uma noite opaca e tenebrosa, viram subir ao Céu um não sei quê dum resplendor imenso, duma beleza estranha, que eu não sei explicar.

E vi de novo a minha casa amiga, onde nasci e onde nasceram meus pais... vi a minha aldeia querida, e de novo tudo aquilo a que andava presa um pedacinho da minha alma e que eu supuz nunca mais tornar a ver...

A princípio cuidei que esta felicidade era uma alucinação do meu espírito, depois... ao constatar que os meus olhos cêguinhos viam de novo a luz, que à noite da minha existência se seguia o poder de admirar a beleza do dia... ajoelhei e aqui estive agradecendo a Deus a sua bondade, até que a minha Raquel me contou o que com ela se passara.

E, com os olhos arrazados de lágrimas de alegria, disse: como Cristo eu te digo, filha—sê bemdita!...

Anos passaram: Raquel fez-se mulher, uma lindíssima mulher, a quem todos admiravam, não só pela sua beleza como pelo seu coração.

Casou, foi feliz.

Foi uma estrada de musgo brando o caminho da sua vida, parecia que o seu sorriso trazia felicidade, que o mágico condão da sua voz desabrochava rosas nos caminhos...

Foi isto há muitos anos... mas, quem faz o bem, quem dá aos pobres, empresta a Deus, e Ele, tarde ou cedo, nos dará o merecido prémio, como à bondosa Raquel, nas péticas terras da Palestina.



# HISTÓRIA DO PRETO ZÉ-PRETO

VERSOS DE  
TO-PETO



DESENHOS DE  
CRISTOVÃO

T U D O P A R A O C H I Q U I N H O

Zunguili! Punguili! Tautili! Bomba!  
Zé-Preto toca jazz-band, ..  
— Pratos, guizinhos, maromba!  
Não sei como êle não arromba  
O bombo do jazz-band!

Dá gargalhadas e gritos,  
E até saiem sons bonitos  
Daquela bôca tão feia!  
Zunguili! Pintili! Tautili! TXIM!  
Bombos, pratos, tudo, emfim,  
Leva uma enorme tarefa.

E Zé-Preto faz furor.  
— «Mais um fox por favor...»  
É toda a gente a pedir;  
É Zé-Preto, bom rapaz,  
Tudo o que lhe pedem faz,  
E toca tudo a seguir.

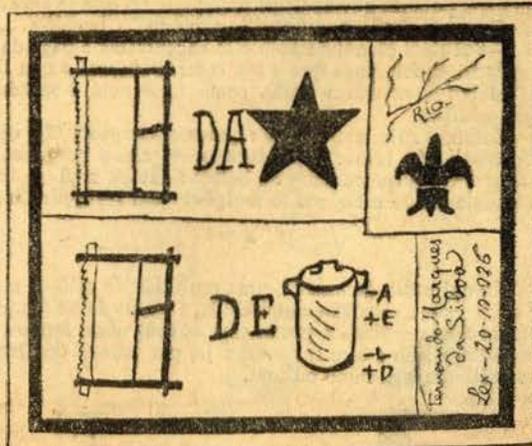
Há tempos lá, no sertão,  
Havia um preto — Zé-Preto —  
Filho dum Zé Carapêto,  
Outro grande pretalhão,  
Que dizia toda a gente,  
Tinha um geitinho excelente  
P'ra num tambor — *truque-truque*—  
Marcar a dança-batuque,  
Que os pretinhos a saltar  
Costumavam a dançar.

Meninos, é sempre bom  
Aproveitar qualquer dom.

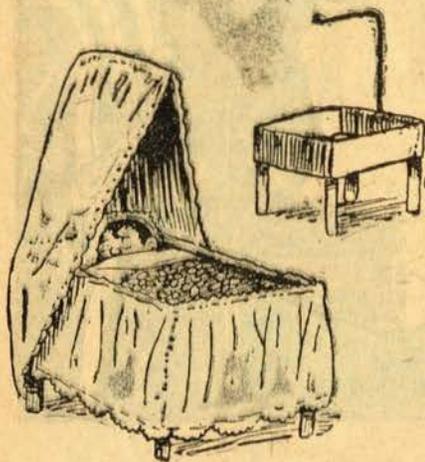


Meus meninos:  
Vejam se descobrem, aqui, o  
dono dêste maltês.

## ENIGMA PITORESCO



# HORA DO RECREIO



## UM BERÇO PARA BÉBÊ

«Sobrinhas» pequeninas:

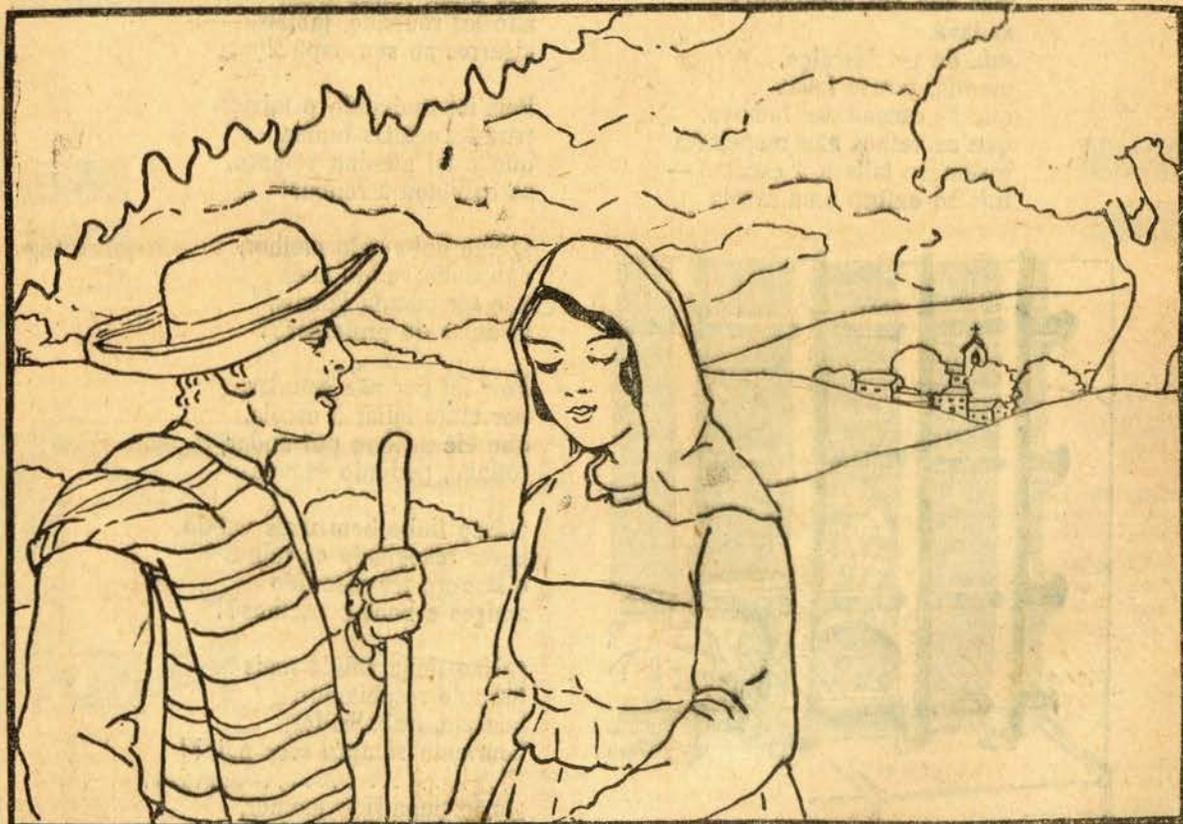
Com uma caixinha de madeira a que se colam quatro pés, um arame dobrado como a gravura indica e pano fino, (como crêpe da China, etc.) poderão fazer um berço para o vosso bebé, que apresenta, além de um aspecto interessante, um conforto que não é para desprezar...

Nos próximos números, a pedido de João P. Silva Correia, *um canhão*; de Maria Luiza V. Soares, *um aeroplano*; de Olaria Helena Macedo Araujo, *mais mobília*, etc., etc.

Vosso amigo  
Tio Tontio

**OBSERVAÇÃO:** — Participamos aos nossos pequeninos leitores que o nosso presado amigo Tio Tontio (Carlos Lopes), volta a colaborar assiduamente no nosso querido «Pim-Pam-Pum», devendo ser-lhe dirigida toda a correspondência referente à nossa secção HORA DE RECREIO. — *N. da R.*

## PARA OS MENINOS COLORIREM



## CONTINUADO DA PRIMEIRA PÁGINA

Algun tempo decorrido,  
já seus pais tinham morrido,  
precisou ganhar  
a Vida;  
entrar  
na sagrada lida,  
moirejar!  
... mas em quê?!... arrependido,  
ei-lo agora a meditar!...  
como não tinha aprendido  
não sabia trabalhar!

Um dia,  
para matar  
a fome que o afligia,  
resolveu roubar  
um pão...  
Metido numa enxovia  
foi preso como ladrão!

Habituaado à prisão  
passou depois às galés,  
com uma corrente aos pés,  
tal como se fosse um cão;  
passou fome, sede e frio,  
chorou lágrimas a fio...  
sofreu tratos de polés!

Agora,  
muito velhinho,  
— (esse menino  
doutrota,  
que era um rapazito fino,  
mas que em desalinho  
andava,  
saía de pe descalço,  
mentia, jurava falso,  
que às escondidas fumava,  
que os velhos não respeitava  
e sempre faltava à escola.) —  
trás ao ombro uma sacola



e anda a mendigar esmola  
rotinho,  
esfarrapadinho,  
que vê-lo até desconsola!

! Meninos, digam-me cá,  
não tinha valido mais  
não ter roubado, jámais,  
cigarros ao seu papá?!

Pois foi roubando o tabaco,  
para às ocultas fumar,  
que o tal menino velhaco,  
se habituou a roubar!

! Não tinha sido melhor,  
não tinha valido mais  
não ter faltado jámais,  
às aulas do professor?!

Pois foi por não estudar,  
por tanto faltar à escola,  
que éle acabou por andar,  
rotinho, pedindo esmola!

! Não tinha bem mais valido  
haver respeitado os velhos  
e sempre ter atendido  
amigos e bons conselhos?!

! Não tinha valido mais  
ter sido respeitador,  
honesto, trabalhador,  
honrando sempre seus pais?!

! não tinha sido melhor,  
não tinha valido mais?!...